

A angustia dos corpos indóceis.

Prostituição e conflito armado na Colômbia contemporânea.¹

José Miguel Nieto Olivar.

Doutorando em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

Uma das estratégias de controle usadas pelos grupos armados no marco da agudização do conflito na Colômbia é o controle e a “gerência” da prostituição (e da sexualidade em geral) nos territórios de dominação. Um comércio sexual marcado pela violência, o medo, a manipulação e a escassez de opções é gerado por essa dinâmica. O que significa ser prostituta no contexto de controle armado masculino na Colômbia contemporânea? Quais as possibilidades da vivência dos direitos humanos nas mulheres trabalhadoras sexuais nesse contexto? Essas perguntas surgem da vivência próxima da história da Mabis, comadre e amiga, entre os anos 2003 e 2005, e levam, a partir do trabalho de campo realizado no ano de 2007 no município de Puerto Berrío (Col), a uma reconstrução etnográfica do significado da prostituição num contexto de dominação masculina paramilitar na Colômbia atual. O tráfico de mulheres apresenta-se como o lado feminino do recrutamento e, mesmo que seja relativamente voluntário, termina se configurando numa dinâmica de retenção-punição com altíssimos custos para a experiência feminina.

Palavras Chave

Prostituição, Colômbia, Direitos Humanos.

1. A HISTÓRIA DE MABIS

No período do ano 2000 ao 2002 morei em uma região de intenso conflito armado, no centro da Colômbia, chamada Magdalena Medio (por ter como referência o trecho meridional do rio Magdalena, o mais importante do país). Naquela região fiz parte de um projeto de Saúde Sexual e Reprodutiva que era desenvolvido pelo Programa de Desarrollo y Paz del Magdalena Medio (PDPMM), uma organização não-governamental enfocada no empoderamento (empowerment) dos habitantes, a busca pela paz e o desenvolvimento econômico. Puerto Berrío é um dos maiores municípios da região e um dos trinta vinculados ao PDPMM. Parte do meu trabalho consistiu na conformação de um grupo de jovens em

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

Puerto Berrío, com o objetivo de, através de diversos recursos comunicativos, promover a vivência dos Direitos Sexuais e Reprodutivos na população jovem do município. Uma das integrantes do grupo era Mabis, uma garota de 15 anos, estudante do Colégio Antonio Nariño, que sempre mostrou muito interesse pela proposta pedagógica.

O trabalho formativo com o grupo durou mais de um ano e girou ao redor da pesquisa participativa e da produção de um vídeo que falasse da sexualidade juvenil “porteña”. Durante as últimas semanas, ficamos sabendo que Mabis estava grávida. O pai do nenê que ela esperava não era um garoto da sua idade, mas um adulto, membro da Polícia Nacional. O Cabo Tangarife estava com trinta anos de idade, era casado e pai de família. Ela decidiu continuar com a gravidez apesar do rechaço total de Tangarife. Mabis e as amigas sempre contaram que ele negou a paternidade até o momento de, obrigado pela justiça, fazer uma prova de DNA e corroborar a coincidência genética. Naquele tempo a história foi muito comentada no grupo e na oficina do PDPM em Puerto Berrío. Todo mundo comentava sobre a irresponsabilidade dela, sobre a previsibilidade daquela gravidez e sobre o fracasso desse (e de todos) os projetos de “Educación Sexual”.

Nos tempos da realização do vídeo, muitas vezes nos reunimos em uma confortável sala que a Polícia gentilmente nos emprestava. Mabis a conseguia pra nós. “Ela tem amigos lá dentro”, diziam os outros do grupo. Não entendia muito bem o sentido da frase, ou, melhor, não enxergava nela nada que precisasse ser interpretado: ela tinha amigos policiais. Hoje, várias amigas dela me contam que *amigos* não era só Tangarife e que Mabis não era a única que tinha *amigos* lá dentro. Amigos, em Puerto Berrío, é uma categoria líquida, que envolve uma amplíssima gama de possibilidades de relação... muitas delas, mediadas pelo sexual e/ou pelo econômico. Assim, Mabis e um grupo de amigas, algumas das quais participaram na reconstrução dessa história, tinham armada uma pequena “tienda” no interior do Comando da Polícia, de modo que ali passavam muitas horas. Vendiam lanches para os policiais, faziam amizades, conseguiam algum dinheiro para ajudar nas suas casas e nos seus próprios gastos. Todas elas eram, na época, menores de idade.

O Comando da Polícia de Puerto Berrío está localizado tangencialmente ao parque central da cidade. É um prédio grande, pintado de verde e branco, as cores institucionais da Polícia. Na sua frente encontra-se uma enorme edificação do início do século XX, restaurada e pintada com cores claras, com amplíssimas áreas verdes, árvores imensas, piscinas e uma vista privilegiada para o rio Magdalena, que vemos atrás. Uma estrada de ferro em desuso atravessa a área verde e leva o olhar para uma Maria-Fumaça preta, muito antiga, que repousa como símbolo de outra época. O edifício foi construído para ser um dos hotéis mais luxuosos e visitados da beira do Magdalena. E assim foi, até entrados os anos 50. Desde o ano 1983,

por decisão do governo departamental, o antigo “Hotel Magdalena”, que estava caindo aos pedaços, foi entregue ao Exército Nacional para ser a sede da Decimocuarta Brigada, em troca da restauração e manutenção do prédio. Da Decimocuarta Brigada del Ejército Nacional de Colômbia, com sede no centro urbano da cidade de Puerto Berrío, dependem 5 batalhões, cada um com mais de 1000 homens. Destes cinco, pelo menos três têm Puerto Berrío como eixo de referência tática e administrativa, assim como base logística. Esta cidade, que tem uma população próxima aos 50.000 habitantes, mantém uma presença relativa de três mil membros das forças militares legais. A imensa maioria deles, homens. Isso significa um militar por cada dezesseis habitantes².

Gregório nasceu o dia 12 de dezembro de 2002 e eu, que fazia um mês havia voltado a morar em Bogotá, fui eleito pela Mabis para ser seu padrinho. O Cabo Tangarife não esteve presente no batismo. Mabis é a maior das filhas de uma família que habitava uma casinha de madeira, cartão e plástico na parte mais alta do bairro “El Oasis”, desde onde pode se ver, sobre o reflexo prateado do sol nos tetos de latão, quase todo Puerto Berrío, e por entre alguns prédios e a torre da igreja, pode se ver o fluir do Rio e a densidade da floresta do vale do Magdalena. A água da chuva corre feita lodo por entre as casas, pequenos fios de água descendo pelos zurcos constantemente re-feitos. Os fios de energia elétrica mantêm em pé postes de madeira que mantêm no ar os fios sempre ameaçando cair e, no topo do morro, mais acima da casa onde Mabis morava naqueles tempos, os vizinhos construíram poços para armazenar a chuva.

Já com Gregório nascido, Mabis decidiu adiar seu último ano de colégio, não só para ficar com ele, mas para trabalhar e arrumar dinheiro para as necessidades dela e do filho. Só hoje (2007) conheci a casa e o bairro; a família de Mabis, sempre se falou, era realmente pobre. A mãe trabalhava ocasionalmente em serviço doméstico, os irmãos homens tinham ido embora e só às vezes apareciam com dinheiro, e o pai era velho, tinha trabalhado um tempo como peão em sítios de gado, mas hoje seu corpo não lhe permitia mais esses trabalhos. A família vivia com o que Marta, a mãe, conseguia. Mabis dava conta dos seus gastos “adicionais” sozinha (festa, roupa, álcool, comidas de rua). No meio da história, segundo os médicos, Gregório crescia desnutrido; porém, contrário ao discurso adulto oficial, para Mabis,

² Na Colômbia existem Forças Militares (Exército, Marinha e Força Aérea) e Polícia. Constitucionalmente, as Forças Militares teriam a obrigação de velar pela soberania do país e a Polícia, se controlar a ordem pública interna. Mas desde finais da década dos anos 40, o governo nacional assumiu que a existência de guerrilhas (e posteriormente de narcotráfico) colocavam em xeque a soberania. Do mesmo modo, no percurso dos anos 90, a Polícia ganhou grande treinamento, função e poderio militar, para se somar na luta urbana e rural contra esses mesmos dois “inimigos”. Hoje na prática, a principal tarefa das Forças Militares e da Polícia na Colômbia é a luta armada (interna) contra a guerrilha e o (certo) narcotráfico. Colômbia tem ao dia de hoje uma das Forças Militares (FM e Polícia) mais fortes e numerosas da América Latina, assim como com o maior número de processos por violação grave de Direitos Humanos.

mãe adolescente, seu filho não significava nenhuma desgraça nem tragédia. Escutei dela queixas sobre tudo, mas nunca sobre o fato de ter ganhado um filho. Nunca o interpretou como um infortúnio; esses vinham de outros lugares. Pelo contrário, Gregório convertia-se dia a dia na razão da sua existência, uma razão de luta, de cuidado... Uma razão e um escudo. Muitas vezes me falou, como pude ver também nas muitas histórias de mães adolescentes de classe popular que conheci, que a existência de Gregório a protegia dos constantes assédios sexuais de que era objeto por parte de alguns amigos do seu pai e de outros homens. “Não sou mais uma garotinha, agora sou uma senhora”.

Uma noite do ano 2004, estando na minha casa em Bogotá, recebi uma das ligações que deu um giro na história. Não que fosse imprevisível. Uma grande amiga de Puerto Berrío, funcionária do PDPMM, falava muito angustiada. Mabis estava desaparecida³. Fazia três dias tinha saído de casa e não se sabia nada. A mãe dela, Marta, contava minha amiga, só dizia que Mabis, muito emocionada, tinha ido para um passeio com várias amigas, que devia ter voltado no dia seguinte. Pedi para ser informado se alguma coisa acontecesse. No dia seguinte, uma nova ligação. “Já se sabe onde está”. Segundo minha amiga, a Marta havia mentido pra nós. “Mabis está trabalhando de prostituta... e não é a primeira vez...” Só que, mesmo assim, estava desaparecida. Marta contou para minha amiga que Mabis tinha aceitado uma proposta para ir a trabalhar num município a duas horas dali. Marta sabia disso, sabia o “nome de trabalho” dela e o município onde estaria. Contudo, ligava e não respondia, ninguém dava razão dela, ninguém conhecia esse nome que ela dava. A mãe não queria denunciar a desapareição.

A minha comadre, então, era prostituta. Isso foi forte na época, lembro bem. A mãe sabia de tudo, obviamente não abria por completo a informação, e talvez, ela própria apoiasse ou pressionasse esse trabalho. Marta, soube também na época, havia sido prostituta quando nova. Mabis prostituta? Era uma idéia que não terminava de entender muito bem. O fato batia na minha experiência simultaneamente em duas dimensões, igualmente ignorantes com relação à prostituição: por um lado, na dimensão moral, que entendia a prostituição, no fundo, como uma coisa ruim; e pelo outro, na dimensão cognitiva, que não me permitia entender a oferta de Mabis no comércio sexual. Ela era bem gorda e baixinha, de andar lento e pesado, tinha um problema nas costas devido ao tamanho dos seus seios. Ela, em Puerto Berrío, no meio de uma sociedade de padrões estéticos de gênero marcados pela mistura da magreza

³ No contexto do conflito armado, especialmente nos territórios de controle paramilitar, o fato de desaparecer funciona como uma ferramenta de guerra, de controle, de medo. Do mesmo jeito que na experiência das ditaduras, “desaparecer” é um fantasma constante.

cosmopolita feminina e a voluptuosidade sexual⁴ no universo do ‘mercado matrimonial’ local, não tinha ‘capital corporal’, supunha eu, para ser prostituta... Em que consistia o capital simbólico que o corpo da Mabis oferecia para o consumo masculino, se se distanciava muito do padrão de “gostosura” que era dominante na cidade?⁵

Alguns dias depois Mabis ligou. Estava de novo em Puerto Berrío. Ela contava que sim, tinha ido como prostituta e não era a primeira vez (na reconstrução presente soube que fazia já vários anos que ela trocava companhia, sexo, corpo, por dinheiro ou outros bens materiais). Contou sobre a desapareição. Mabis tinha ido trabalhar no município aquele, e lá aceitou a proposta dos “Paramilitares” para fazer uma viagem de trabalho a um sítio deles. Pagariam perto de um milhão de pesos (mil reais), era coisa de um final de semana⁶. Elas aceitaram e foram⁷. Mas ali, segundo me contou Mabis várias vezes, além do grande número de combatentes por atender, além da proibição de sair da fazenda individualmente ou antes do tempo pactuado, ela teve que presenciar a tortura e o assassinato de uma colega... “Fomos reunidas – contava - numa roda, todas. Então chegou o comandante, falou umas coisas e chamou a garota aquela, que eu conhecia de antes. Foi como um julgamento. Ela tinha Aids e o comandante ficou sabendo... A gente não podia ter Aids, porque contagiávamos eles... Isso foi o que disse o comandante. Que ela estava enganando eles, que ela tinha infectado uns soldados em outro município. Na nossa frente ela foi torturada e morta... bateram nela, queimaram suas mãos com ácido e depois atiraram nela...” Essa noite Mabis, com a cumplicidade de um paramilitar amigo seu, fugiu.

A história que Mabis conta não é estranha nem exclusiva de Puerto Berrío. Muitas vezes, no meu trabalho em projetos de Saúde Sexual em diferentes zonas da Colômbia, escutei histórias similares. Tanto nas zonas de controle guerrilheiro quanto, e principalmente, nas zonas de controle paramilitar, essas são narrativas constantes. Por um lado, a narrativa da morte e da punição por razões da sexualidade. Muitas mulheres assassinadas e torturadas por terem Aids, por serem desobedientes ou “promíscuas”. Muitos homens, também torturados,

⁴ Uma boa descrição desse modelo patriarcal de gênero se encontra no romance jornalístico “Sin Tetas no hay Paraíso”, do colombiano Gustavo Bolívar. E uma evidência grotesca do esforço por mantê-lo vivo, foi o programa de televisão “Cambio Extremo”, do canal RCN. Ver: <http://totaltvblog.com/?p=316>, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u53783.shtml>

⁵ Toda a reflexão sobre capital simbólico no mercado sexual e no mercado do sexo é construída a partir da proposta de Bourdieu, 1998. A noção de “Capital Corporal”, também nessa lógica, é desenvolvida por Arlei Damo no seu trabalho sobre jogadores de futebol (2005).

⁶ Uma faxina em Puerto Berrio vale, ao câmbio, 20, 25 reais. O salário mínimo na Colômbia é, aproximadamente de 400.000 pesos (400 reais), uma sacola de leite em Puerto Berrío pode valer 1.500 pesos e uma calça jean à moda, para mulher, 100 ou 200.000 pesos.

⁷ Na Colômbia em geral, o momento da troca comercial na prostituição, aquilo que no Brasil se chama “programa”, se chama “rato”, que poderia se traduzir como “um tempo”, “um tempinho”. Um “rato” na Zona de Tolerancia de Puerto Berrío vale hoje entre 10 e 20 mil pesos e num bom final de semana uma mulher faz, em média, 10 ou 15 “ratos”. Uma “amanhecida” pode valer entre 50 ou 100 mil pesos.

por serem homossexuais. Por outro, movimentos populacionais intensos atrás das fontes do dinheiro, principalmente, cocaína e guerra. Homens e mulheres, jovens e adultos, viajando pelas estradas, pelas montanhas, pelos rios, sozinhos ou acompanhados, mas sempre indicados, nunca anônimos, tentando acessar aos territórios de extração de coca, de ouro, de madeira... aos territórios onde podem ser recrutados, ora como soldados ou como “raspachines”⁸, ora como prostitutas ou cozinheiras. Mesmo que seja potencializada pela guerra e o tráfico de cocaína, essa não é uma forma endêmica do narcotráfico, nem do conflito armado, é verdade; é endêmica da economia de extração, da pobreza urbana generalizada, da pulsão cultural pelo consumo.

Na edição do jornal El Tiempo (jornal de maior circulação no país), do dia 5 de agosto de 2007, foi publicada uma reportagem que denunciava a “retenção” de mais de oitenta mulheres trabalhadoras sexuais, nas mãos dos paramilitares, numa zona *cocalera* do sul do país. A vários dias de estrada de Puerto Berrío, perto da fronteira com o Equador, no departamento de Putumayo. As entrevistadas dizem que são contatadas em muitas regiões do país, por mulheres intermediárias que “nos dizem que é uma grande oportunidade porque lá está a coca e tem muita grana e os caras deixam ela nos prostíbulos. Que tentemos uma ou duas semanas (...) Mas, que nada, tem amigas que levam mais de seis meses e não conseguem sair, a gente fica seqüestrada e ameaçada.” Nos casos denunciados na reportagem as mulheres não estão nem amarradas nem enclausuradas; porém, todos seus gastos básicos de alimentação e auto-cuidado, assim como o transporte de chegada, vão virando dívidas crescentes impossíveis de pagar. Além de tudo, registra a reportagem, quando elas chegam nos municípios onde vão trabalhar, são entregues a “Madames” que lhes tiram seus documentos de identificação. O pior, segundo uma das mulheres, são as multas. “Cem mil pesos (100 reais) tem que pagar a garota que não queira trabalhar uma noite, cinquenta mil por não acordar cedo, mesmo estando bêbada, vinte mil a que meio se encoste na porta, vinte mil se demora na rua mais de dez minutos, vinte mil a que não coma a comida que preparem lá, cinquenta mil se a gente não quer deitar com alguém... Tudo são multas.”

Pacho, um motorista “desmovilizado”⁹ dos paramilitares, contava-me que “a gente levava quinze ou vinte mulheres, de Medellín, de aqui ou de outros municípios... sempre umas gostosuras de mulheres... E elas tinham que atender a tropa, por quatro ou cinco milhões de pesos cada uma (quatro mil ou cinco mil reais), que o comandante pagava depois de terminado o trabalho. Às vezes havia cem ou duzentos homens. Nenhuma delas ia obrigada, à

⁸ No negócio da cocaína: aqueles que com suas mãos raspam galho por galho todas as plantas de um cultivo para tirar as folhas; matéria prima da cocaína.

⁹ No contexto de Puerto Berrío, e da Colômbia em geral, se conhece com o nome de “desmmovilizados” aos integrantes das Autodefensas Unidas da Colômbia (paramilitares) que entraram num processo de negociação com o governo do Presidente Uribe e entregaram suas armas.

força, nenhuma... A gente pedia pra intermediários arrumar um número de mulheres e eles as reuniam num dia e numa hora e daí a gente pegava elas e levava pra fazenda. Isso acontecia aqui, nas fazendas do “Senhor” (refere-se ao Comandante Julián Bolívar). Elas ganham muita boa grana, imagine, o “Senhor” pagava em dinheiro, uma nota sobre a outra, e mandava a gente pra levar pras casas delas. Mas aí é que tá, né? Elas tinham que se comportar muito bem, fazer seu trabalho, não roubar, nem desobedecer, nem nenhuma frescura dessas...”

O principal contato em Puerto Berrío era uma mulher conhecida como “La Caponera”, simplesmente a maior intermediária local no negócio das “Pré-Pago”¹⁰. Ou, na relação com os paramilitares, a figura mais importante do recrutamento feminino na cidade. Roberto, um artista local que cantava em festas nas fazendas “de los señores” e que emprestava serviços de transporte com a sua moto, era uma das fichas chave nesse negócio. Ele recebia ligações da “Caponera” ou de um dos “señores” pedindo para pegar uma garota numa casa e levar para outro lugar. Contava-me que “La Caponera” mantém um catálogo amplo e diverso de mulheres, a maioria delas menores de idade, para satisfazer os pedidos dos seus clientes (paramilitares, grandes comerciantes, narcotraficantes ou políticos e negociantes que visitavam a cidade). Nunca viu recrutamento forçado. Disse que “as moças ganhavam perto de dois ou três milhões de pesos numa noite, dependendo da festa e do corpo e essas coisas... mas, claro, tinham que fazer todas as vontades dos “señores”... Tudo. Sexo anal, oral, grupal, shows privados, strip-tease, sexo com outras mulheres. Havia muito álcool e drogas. As histórias que Roberto conta são infinitas.

Pacho afirma que ele nunca soube de recrutamento nem retenção forçada de mulheres sob as ordens do Comandante Julián; porém, ele testemunhou, e escutou, mortes de mulheres prostitutas que desrespeitaram algum comandante, contagiaram algum soldado de Aids ou roubaram.

¹⁰ Na Colômbia inteira existe uma modalidade de comercio sexual, a meio caminho entre a lenda e a realidade cotidiana, que envolve principalmente garotas e mulheres de camadas médias, universitárias e dos últimos anos de colégio. Elas são contatadas exclusivamente via celular e, na maioria dos casos, selecionadas num catálogo que administra “alguém”. Supõe-se que são garotas com alto capital simbólico no mercado do sexo (corpos padrão, bons níveis de educação e de “modos à mesa”, expectativas de “superação”), razão pela qual, seus clientes pagam grandes quantidades de dinheiro não só para ter sexo com elas, mas para sair a dançar, a jantar, etc.. Elas são conhecidas no país como “Pré-Pago”. Com relação à origem do nome há várias hipóteses. A mais forte, pra mim, é aquela que tem a ver com o celular. No final dos anos 90 as empresas de telefonia celular mantinham basicamente dois pacotes para seus clientes: Pré-Pago e Pós-Pago. O primeiro consistia em adquirir no início do mês uma carga fixa de minutos que o usuário gastando. Era o plano mais acessível para pessoas cujo interesse principal era receber chamadas. O segundo pacote consistia em liberar os minutos e, no final do mês, pagar a conta pelo valor gastado. Essa diferença virou uma marca de classe. Pré-pago era “pré-pobre”. Diz a lenda, que muitas das garotas envolvidas nesse negócio não tinham alta capacidade financeira para ter Pós-Pago, e que seu interesse era receber chamadas... Hoje na Colômbia o tema está à moda, com a vinculação de modelos, atrizes, apresentadoras de TV que, diz-se, prestam serviços sexuais por altíssimas cifras a políticos, narcotraficantes, grandes empresários, etc.. Em Puerto Berrío o negócio das “Pré-Pago” está consolidado. Contudo, este é um tema que precisa um tempo e um espaço que neste artigo é impossível.

De volta em Puerto Berrío, Mabis continuou trocando sexo por dinheiro. O escritório do PDPM na cidade ofereceu a ela múltiplas “ajudas e oportunidades” que ela aceitava e logo abandonava. Trabalhar na faxina ou nos serviços gerais, vincular-se a cooperativas de mulheres. Várias pessoas davam dinheiro bruto ou bens de consumo para ajudar nos gastos do Gregório. “Mas ela não se ajuda”. Mabis foi sempre narrada como uma garota rebelde que gostava mesmo era de aprontar. Ninguém falava nada explicitamente, ninguém pronunciava a palavras puta ou prostituição. Mas eu sempre recebia informação sobre as “andanzas” da Mabis, sobre suspeitas de relacionamentos “indevidos”. Só uma noite, no ano 2005, numa ligação para o meu celular, ela botou nome nas coisas. Ela estava chorando, me pediu pra eu ligar urgente. Ligo. Aquela noite estava realmente em crise. Chorava desconsolada, muito angustiada, e no meio de múltiplos choros e queixas, no meio de palavras de raivosa tristeza, ela me pedia ajuda, com desespero, porque não queria continuar com “isto”... “Isto” não era, simplesmente, “putiar”.

“Simplesmente não consigo trabalho aqui. Ninguém quer dar trabalho para uma mulher gorda, feia e pobre que nem eu. Muito menos agora, que todos os negócios estão nas mãos dos ‘re-insertados’”. (...) “Não posso simplesmente ir embora... eu tenho a casa... minhas irmãzinhas não trabalham, meu irmãos foram embora [um deles era paramilitar]... Não posso deixar a minha mãe sem nada pra comer... (...) E, além de tudo, se eu largo daqui, com certeza que é a minha irmã a que tem que começar a putiar. Já tem uns “malparidos” no bairro que todos os dias oferecem pra ela quinhentos pesos (50 centavos de real) por um boquete”.

Mabis recebia muita pressão da sua mãe para sair a “rebuscarse” o dinheiro.¹¹ Não era uma pressão explícita pela prostituição, mas sim pelo “rebusque”. Ela aprendia, como a antropóloga espanhola Dolores Juliano (2006) nos mostra, que para as mulheres pobres, ou com capitais simbólicos escassos no jogo econômico, a prostituição é o melhor jeito possível de “se virar”. A única maneira, ou a mais confortável e, contrário ao que muitas organizações de ajuda puderem pensar, quicá a mais digna de conseguir não só importantes quantidades de dinheiro, mas valiosos ganhos simbólicos (prazer sexual, festas, reconhecimento no mercado de desejos, etc.). Contudo, “putiar” em Puerto Berrío, naquele momento, não era, necessariamente, um assunto tranqüilo. No meio das lágrimas da ligação acima mencionada, Mabis contava também que estava bebendo muito álcool e “soplando perica” (cheirando pó).

¹¹ Rebuscarse, na Colômbia, significa arrumar dinheiro do jeito que for. “El rebusque” representa toda uma modalidade culturalmente aceita de sobrevivência. Em Puerto Berrío, muitas mulheres prostitutas me falavam que seu trabalho consistia em “rebuscarse” com os homens. Ir a pegar um cliente, às vezes podia se dizer como “vou *rebuscarme* uma grana em tal boate ou em tal esquina”. Muitas diziam que estavam no *rebusque*. No contexto da prostituição em Porto Alegre, usa-se, com muita frequência, de modo similar, o conceito de “viração”.

Ela dizia que era inevitável, que era parte de estar aí. Os homens, se queixava, muitos deles “traquetos” (narcotraficantes) ou “paracos” (paramilitares) exigiam que elas consumissem como condição de fazer parte do grupo, da festa... quer dizer como condição para acessar ao dinheiro. “Não quero “soplar más perica”, no dia seguinte sempre acordo feita merda”.

Mais uma vez. “Isto” não era ser prostituta. “Isto” era ser ela, narrando-se puta, em Puerto Berrío, naquele momento da história, e quase que em um ato de confissão e contrição perante mim não tanto pela “puteria”, mas por ter desprezado “ajudas” e pessoas legais (nos dois sentidos brasileiros da palavra) que já não estavam mais aí. “Isto” era ela se deparando no meio da modernidade “porteña”, de suas promessas e traições (eu, como bogotano classe-média, o Programa de Desarrollo y Paz com suas promessas de democracia, legalidade, direitos humanos e cooperativismo, os paramilitares e narcotraficantes, com as bandeiras do poder da terra, da capacidade de trabalho, da felicidade automática, da ordem e da obediência), assim como do jogo das suas próprias decisões.

2. PUERTO BERRÍO, “CORAÇÃO DA COLÔMBIA”

“Corazón de mi patria querida
Tierra viva de pastos y sol (...)”
Fragmento do Hino de Puerto Berrío.

Puerto Berrío depende administrativamente do departamento de Antioquia, de onde deriva grande parte da sua cultura e com cujos municípios, especialmente com a capital, Medellín, tece suas principais relações políticas. Sua economia está baseada na criação extensiva de gado, o comércio formal e informal de bens de consumo e a circulação do dinheiro produto do narcotráfico e da presença das forças armadas presentes (legais e ilegais).

A cidade foi fundada no ano de 1875 como parte da estratégia de expansão agrícola *antioqueña* e da colonização da selva do vale do Magdalena. Ali chegaram inicialmente aventureiros e empresas de exploração de recursos naturais. Ondas de homens sós que fugiam das cidades por diversas razões e que procuravam nessa região, até então inexplorada, não só fontes de dinheiro, mas lugares para fazer a vida. Extensas ferrovias estavam em construção, poços de exploração e oleodutos para o petróleo, quilômetros e quilômetros de árvores cuja madeira era muito bem paga nas capitais, entre os quais se refugiavam peles, remédios, flores, índios, troféus de alto valor simbólico nos centros urbanos nacionais e estrangeiros¹². Detrás deles, mulheres que se “rebuscaban” a vida: mulheres índias, mulheres que fugiam de modelos familiares coercitivos, mulheres desterradas de suas cidades e países por desacato às

¹² Uma excelente reconstrução da época, e da relação desses homens com a prostituição e com o Estado, encontra-se no romance “La Novia Oscura”, da colombiana Laura Restrepo. No meu conceito, um dos melhores documentos antropológicos sobre prostituição em contextos de economias de extração.

estritas regras estéticas que mantinham em pé a ambígua moral católica dominante (Martinez e Rodriguez, 2002).

No percurso do século XX, o *oriente antioqueño*, sub-região onde está localizado Puerto Berrío, se fortaleceu como território de alta produtividade agrícola a partir de enormes fazendas familiares. O latifúndio dedicado à criação de gado (e coca), até faz muito pouco tempo dominado por técnicas e lógicas tradicionais, constituiu-se na base econômica, do que poderíamos chamar como “modelo de desenvolvimento antioqueño”.

Hoje, o movimento comercial de Puerto Berrío é intenso, já que possui uma localização estratégica em termos de transporte terrestre e fluvial, e de riqueza natural. Pelo centro da cidade atravessa uma estrada nacional, que comunica Medellín com o centro, o leste e o nordeste da Colômbia. Essa estrada, a poucos quilômetros da cidade, encontra-se com a estrada mais importante do país: a Troncal del Magdalena, que comunica Bogotá e todo o centro do país com o norte e com o nordeste, e que é extensão da Autopista Panamericana, que entra na Colômbia pelo sudoeste. Durante todo o dia passam inumeráveis caminhões de carga pesada pelo centro do município. O porto da cidade é um dos mais importantes na beira do Magdalena. Pelo outro lado, a região do Magdalena Medio, além de ser uma riquíssima fonte hídrica e de biodiversidade, tem (teve) no seu subsolo uma grande quantidade de petróleo, a maior mina aurífera a céu aberto da América Latina (todo o topo da Serranía de San Lucas, com eixo no município de San Pedro Frío, hoje dada em concessão a uma multinacional após a invasão paramilitar dos anos 90) e a terceira maior fonte mundial de matéria prima para a produção de cocaína (o “pie-de-monte” da Serrania, também sob controle paramilitar).

Medellín, capital de Antioquia, é a segunda cidade do país, depois de Bogotá, e um pólo muito importante de desenvolvimento industrial e comercial. Foi o eixo de um movimento populacional acontecido principalmente na primeira metade do século XIX, conhecido na história colombiana como “La Colonización Antioqueña”. Os *antioqueños* são conhecidos no país, e eles próprios se definem, por sua alta capacidade e vontade de trabalho, por seu talento para os negócios, pela solidez do seu modelo familiar patriarcal, pelo seu orgulho regionalista, a manutenção das tradições e a força do seu catolicismo (uma boa evidência desses rasgos culturais se acham no plano de governo do Presidente da República, Álvaro Uribe Vélez, nascido e criado nesta região).¹³ Hoje se faz evidente que a dita

¹³ Fragmentos do Plano de Governo 2002-2006: “Mi espíritu antioqueño y mi vocación campesina me han alimentado un infinito amor por todas las regiones de Colombia”. “Miro a mis compatriotas hoy más con ojos de padre de familia que de político” (118). Álvaro Uribe Vélez, *Mano Firme, Corazón Grande: el camino de la confianza. Programa de Gobierno*, (Bogotá: Presidencia de la República, 2002). www.presidencia.gov.co (acessado em Maio 10 de 2006).

“colonización antioqueña” não terminou, muito pelo contrário: se constituiu no modelo de expansão territorial e num dos valores centrais do “ethos” cultural antioqueño: grande parte dos departamentos do norte da Colômbia, próximos a Antioquia e onde o “modelo paramilitar” teve rápida acolhida entre os fazendeiros, são ainda hoje objeto de colonização por latifundiários e comerciantes provenientes desse departamento. Em Antioquia, aquilo que hoje chamamos de “paramilitares”, teve uma das suas fontes de origem.

Nos anos 80, Antioquia e todo o Magdalena Medio foram protagonistas do crescimento voraz do narcotráfico. Pablo Escobar, a família Ochoa e outros poderosos chefões tiveram suas fazendas de entretenimento e de processamento da cocaína nessa região. Como o cineasta colombiano Víctor Gaviria e a escritora Laura Restrepo mostram nas suas obras (“Sumas y restas” e “Delírio”, respectivamente), o envolvimento das elites “paisas” (gentílico dos nascidos em Medellín) e bogotanas com o narcotráfico foi total desde o início daquela década. No Magdalena Medio, a presença das guerrilhas foi, desde finais dos anos 60, forte e contundente. Na base, como estratégia de expansão do pensamento comunista e de “libertação nacional”, como resistência armada às multinacionais estrangeiras (extorsão às empresas, seqüestro de executivos, formação política aos operários, apóio a alguns sindicatos) e ao intocado latifúndio (invasão de terras, roubo de gado, formação e respaldo militar aos pequenos proprietários), e como suplantação de um Estado que deixava a lei e a ordem nas mãos ora das empresas ora dos fazendeiros.

Nos anos 80, as guerrilhas (FARC e ELN, principalmente) eram uma força dominante na região. Sua estratégia de seqüestro incluiu, então, alguns dos membros da poderosa classe emergente: grandes ruralistas e capitalistas urbanos que começavam a se envolver no negócio da cocaína. Porém, contrariamente aos executivos, engenheiros e investidores estrangeiros ou urbanos, esses novos alvos de guerra não estavam em disposição de se deixar seqüestrar ou tirar suas terras e ganâncias impunemente. Em uma estratégia que incluiu a cumplicidade do exército colombiano, se conformou a organização MAS (Muerte A Secuestradores), melhor conhecidos na região como “los masetos”. Segundo habitantes dos diversos municípios onde a organização agiu, “los masetos” faziam tudo que o Exército legalmente não podia e pouco a pouco foram virando um enorme grupo de “limpieza social” que eliminava tudo que pudesse ser incomodativo ou ameaçante para o modelo de desenvolvimento em marcha (latifúndio, cocaína, mega-projetos de desenvolvimento, de agronegócios transnacionais).

Nesse caminho, com o financiamento nacional e estrangeiro (como no caso da empresa bananeira Chiquita, Co.), e com o silêncio de importantes camadas da sociedade colombiana, o “MAS” foi se convertendo num gigantesco exército paramilitar que pelo ano

de 1985 começou sua estratégia sistemática de apropriação territorial¹⁴. A partir desse momento, se intensificam na Colômbia os assassinatos seletivos, os massacres, os deslocamentos internos e a eliminação de lideranças sindicais, pesquisadores sociais, defensores de direitos humanos e educadores populares¹⁵. Entre os anos de 1985 e 2005, vivemos a expansão e o crescimento impressionante (e silencioso na mídia) do paramilitarismo, que sob o nome de Autodefensas Unidas de Colombia e com a óbvia cumplicidade do Estado (porque é uma estratégia da democracia, como mostram Comaroff e Comaroff na introdução de “Law and Disorder in the Postcolony”, 2006), e o apoio dos grandes donos nacionais e estrangeiros de capital, protagonizaram a maior onda de violência, crueldade, terror e disciplinamento da história nacional. Este “modelo de desenvolvimento” estendido hoje por todo o país, tem seu eixo geoestratégico e cultural em Antioquia, e pousa em Puerto Berrío e outros municípios próximos um dos seus centros de ação mais importante¹⁶.

Puerto Berrío, além dos mais de três mil homens das forças militares legais, tem uma incalculável presença de paramilitares ativos, de “desmovilizados” e de pessoas leais a eles que são parte ativa da cotidianidade do município. A presença física e simbólica paramilitar é estruturante da vida política e comercial da cidade. Como de muitas outras cidades do país. Segundo fontes diversas e confiáveis, sabe-se que os dois candidatos mais votados à prefeitura da cidade nas eleições de 2007, Francisco López e Luis Carlos Delgado, estavam financiados por dois poderosos paramilitares da região: Ernesto Báez e o Comandante Julián Bolívar, “o Senhor”. O ganhador foi o segundo, que, no dia das eleições, foi visto circulando numa moto com “Chayanne”, jovem chefe local dos paramilitares. Uns dias após as eleições “Chayanne” foi morto. No homicídio resultou ferido “Ricardo”, administrador de uma famosa “cantina” na Zona de Tolerância de Puerto Berrío, chamada “La Whiskería”, e informante fiel do “Chayanne”. No contexto dos profissionais e estudantes universitários da cidade, “Chayanne” foi morto porque tinha traído ao candidato perdedor. Segundo algumas mulheres da Zona, Chayanne foi assassinado porque fazia uns dias havia mandando matar a um casal de jovens que vendia drogas naquelas ruas e não queria prestar contas a ele. A garota assassinada, segundo contavam, era filha de um poderoso fazendeiro da região. Ela brigou

¹⁴ O que, se vemos, bem, não tem nada de novo na Colômbia nem de exótico na ordem mundial. Gabriel García Márquez, no clássico “Cien años de soledad” vai nos lembrar a cada lida da primeira famosa massacre acontecida na indústria do banana no litoral norte da Colômbia. Lá pelos anos 20’s. Também lembremos dos “contras” na Nicarágua, dos financiamentos norteamericanos às ditaduras latinoamericanas e do famoso caso da formação militar de Bin Laden pela CIA para apoiar a resistência afgã contra a URSS.

¹⁵ www.mediosparalapaz.org e www.codhes.org

¹⁶ Vale a pena lembrar que é no ano 1983 quando se decide que a sede da *Decimocuarta Brigada* do Exército seja Puerto Berrío, que é ali onde estão localizadas as fazendas de gado e de entretenimento (El Suan, La Piscina, La Granja, La Guacharaca) de grandes paramilitares e narcotraficantes contemporâneos como o Comandante Julián Bolívar e seu irmão Pedro, de quem se diz ter mais dinheiro do que o extinto Pablo Escobar.

com os pais e fugiu de casa. Na semana anterior à morte do “Chayanne”, os pais dela estiveram catando informação na rua.

“Chayanne” havia estudado os últimos anos do primeiro grau no mesmo colégio da Mabis e de várias das amigas dela. Era também conhecido como “el muchacho de la Plaza”, “o paramilitar do Mercado”, visto um par de anos antes por alguns moradores do bairro “El Oasis” violando e torturando junto com outros, “por odiosa” (nojenta), a uma garota de 17 anos vizinha do bairro. O corpo da gurua, assim como o de várias outras mulheres naquele tempo, amanheceu jogado numa das poças de água no topo do morro. “Odiosa”, no contexto, significa uma coisa só: que repudiava as cantadas, paqueras e petições sexuais dos garotos¹⁷.

É nesse lugar, e naquela época, onde Mabis “se rebuscaba”.

3. SOBRE A ANGÚSTIA DOS CORPOS INDÓCEIS

Várias das amigas da Mabis ganharam filhos. Outras casaram. Ela continuava lidando com a criação do Gregório, as “ajudas” morais dos seus amigos e amigas no PDPMM, sua situação familiar e a situação específica da cidade. Trabalhar na prostituição continuava sendo, ao mesmo tempo, a melhor opção possível e, dado o contexto de violência e estrita dominação masculina, o pior. Saiu de Puerto Berrío, foi morar em cidades próximas onde conhecia algumas pessoas, viajou para o litoral norte onde, segundo ela dizia mas outros desmentem, tinha uns familiares. Toda a história se construía na minha cabeça a partir das conversações esporádicas que tínhamos via celular. Ou através das notícias que me chegavam por mediação de colegas e amigos de Puerto Berrío. No início do ano 2007 Mabis estava de volta a sua cidade e, de novo, o pessoal do PDPMM deu pra ela um trabalho de escritório. Gregório crescia devagar, parece que sua alimentação era precária¹⁸. Nesse momento decidi voltar pra Colômbia e me encontrar com ela, com Puerto Berrío, com os temas de sexualidade e direitos, desde outro lugar simbólico.

¹⁷ Como nos lembra Lia Machado refletindo sobre o estupro, o “não” feminino pode ser o maior “sim” para homens criados sob certos códigos de honra masculinos. Ver Machado, 2000.

¹⁸ Para além das óbvias e ingenuamente culturalistas críticas aos programas de desenvolvimento, aos investimentos da “cooperação internacional” (Comaroff e Comaroff 2006), o escritório do PDPMM em Puerto Berrío era (e é) um lugar onde muitos jovens e mulheres se refugiavam alternativamente das pressões da guerra, da pobreza e do tráfico de drogas (participação local no capitalismo global). Não faço aqui uma defesa igualmente ingênua das organizações, mas da capacidade que os sujeitos e grupos tem para reinventar a presença delas no território. Muito mais interessante, é o que elas fazem com essas organizações (chamem-se ong’s, igrejas, cooperação internacional) em contextos de alta eliminação da diversidade e a diferença.

Cheguei lá no primeiro dia de setembro do 2007, fui recebido pelo úmido e intenso calor das tardes no vale do Magdalena. Mabis não estava. Foi-se, com Gregório, seus pais e um dos irmãos, para uma cidadezinha fronteiriça na Venezuela, a mais de 36 horas de estrada. Fazia dois meses tinha ido embora, depois de se ver envolvida numa encrenca de roubo no escritório do PDPMM, depois de ser sutilmente demitida do seu trabalho aí, depois de se submeter a uma desastrosa cirurgia de redução dos seus seios e, protocolo necessário, depois de pedir mil vezes desculpas por todas as coisas mal feitas. Minha idéia de reconstruir com ela a história, transformou-se no esforço por tecer narrativas diversas sobre ela. Protagonista ausente. Foi assim que se construiu essa história, da qual o presente artigo é só um extrato, numa mistura de narrativas que incluem a minha própria memória, as vozes de várias amigas e amigos dela, assim como das irmãs e de alguns funcionários do PDPMM. Como base do universo interpretativo está a experiência na cotidianidade da cidade durante os meses finais do ano 2007, o conhecimento prévio da cidade e da região, o campo etnográfico na prostituição local e o convívio com homens e mulheres que não só ofereceram seu tempo, suas vozes e corpos, suas interpretações do “mundo da vida” (Shutz, 1979), mas sua amizade sincera.

Mabis, então, estava longe. Dela, segundo as amigas mais próximas, “sempre” se soube que tinha muitos “amigos” dos que “recebia colaborações”. Uma amiga dela me contava que era freqüente elas serem abordadas por “amigos” ou desconhecidos na rua (trabalhadores da prefeitura, caminhoneiros, policiais, peões das fazendas), serem convidadas a beber um trago, “dar uma volta”, ir a passear e depois receberem “colaborações”, “ajudas”. “Não, Zé Miguel, não é pagamento. Nada a ver. É uma colaboração, normal”. Parece que sua prática de trocar sexo e companhia por dinheiro ou bens diversos (festas, roupa, comida, pagamento de serviços públicos) não era nova. Nem era necessariamente explícita ou vinculada à prostituição.

Fui descobrindo, nas narrativas de várias pessoas, que essa não era só uma prática que a Mabis realizava já no tempo de realização do vídeo (quando nos conhecemos), mas que, sem a conotação da prostituição, é mais ou menos uma prática generalizada na sexualidade “porteña” visível na categoria feminina “receber uma colaboração” e na masculina de “investimento”. Muitas mulheres entre os 15 e os 45 anos, não prostitutas e de diversas condições econômicas, me falavam mais ou menos o mesmo. “Já que deu, procura receber em troca alguma coisa”. Ou “não tem dar sem antes receber uma colaboração, um bom convite”¹⁹. Por sua vez, a maioria dos homens com quem falei sobre sexo, amor e

¹⁹ Essa narrativa feminina de troca interessada mas não prostituição é interpretada, com raiva, pelas mulheres da Zona de Tolerância, verbal e simbolicamente assumidas como prostitutas, como “a pior prostituição”. Para elas,

relacionamentos coincidiam nisso: “tem que investir, Zé, se não, a mulher não dá nada”. Pacho, o ex-paramilitar que antes me contava sobre a vida sexual da tropa, estava começando a sair com uma garota que lhe pedia ajuda para pagar umas contas que devia e que estavam lhe cobrando judicialmente. “Claro, meu amor, eu te ajudo, mas aí tu tem que te comportar bem comigo... Eu tenho um apartamento...” e por aí a proposta continuava. Mas ela não estava a fim de transar com ele, negou-se. Ele, então, molesto, negou a ajuda e reclamou que ela “tem que compreender que sou homem”.

Quiçá foi só no tempo da troca explícita, da brutalidade da violência e do consumo mais ou menos forçado de cocaína, quando Mabis descobriu a prostituição. Fora disso ela não era, diferentemente da interpretação de alguns habitantes adultos da cidade vinculados ao PDPMM, mais do que uma garota média que descobria no seu corpo sexual não só uma fonte de prazer e filhos, mas a garantia dos bens materiais de que ela gostava ou precisava (onde está o limite entre uma palavra e a outra?). Que descobria que era assim como funcionava a sexualidade na sua cidade, que descobria que era assim que funcionava economicamente seu mundo para, como ela mesma disse presa da angústia, “uma mulher gorda, feia e pobre”. Quiçá Mabis, num momento da sua história, como muitas mulheres da Zona de Tolerância, decidiu investir nesse descobrimento. Não só receber passivamente os benefícios disso num contexto de catolicismo conservador (assumir a maternidade, arrumar um marido ou um amante e se entregar obedientemente a ele para ganhar a satisfação das necessidades da vida), mas explorar essa indócil fonte de gozo e dinheiro.

Porém, o campo de jogo cobrou-lhe repetidamente suas taxas. É verdade que nada desse contexto cultural encarnado na Mabis é produzido exoticamente pelo conflito armado ou pelo narcotráfico. Experiências culturais similares podem se encontrar no nordeste brasileiro (Piscitelli 2002), nas zonas marginais de Lima (Nencel 2000), na selva amazônica na explosão dos seringais (José Eustaquio Rivera no romance clássico, “La Vorágine”), entre outros. É, no geral, como bem denuncia Comaroff (2006) ou analisa Sahlins (com um viés radicalmente culturalista) (1997), o encontro entre culturas locais fortemente arraigadas e a força utilitarista do capitalismo global. Trata-se do universo cultural de Puerto Berrío e da região, alimentado pelo “ethos” conservador antioqueño, pelo domínio armado masculino e pelo encontro do capitalismo contemporâneo com o coronelismo de extração (petróleo, coca, madeira, gado) e a intensa pobreza. Mas também é verdade que a lógica do conflito armado na Colômbia potencia privilegiadamente formas brutais de violência. Morrer, matar ou ver matar, ser um

corpo objeto de desprezo, fugir, casar ou ser desterrada à Zona de Tolerância. Como se constrói essa relação entre a guerra e a (prostituição) sexualidade?

Hoje a dinâmica do recrutamento e da retenção forçada de mulheres para serviços sexuais na guerra se dá com maior intensidade no sul da Colômbia, como as da reportagem de El Tiempo denunciava. Por quê? A maior parte da cocaína que se consome no mundo tem como matéria prima a coca produzida no sul da Colômbia. Mas essa não é razão suficiente. A luta pelo domínio dessa região, historicamente controlada pela guerrilha das FARC, é o foco e uma das maiores fontes de financiamento da guerra interna hoje. Puerto Berrío, e quase todo o centro e norte da Colômbia, estão hoje “pacificados” e sob o controle pactuado do Estado colombiano, os grandes donos de capital e os paramilitares. Mas o sul está em disputa, a presença paramilitar não supera os cinco anos.

Nesse sentido, a intensidade do conflito e da exploração da terra gera um ambiente onde a presença masculina se multiplica e a violência e a morte se legitimam. Os milhares de soldados, “raspachines”, seguranças e administradores... os trabalhadores dos laboratórios e os encarregados de vender, distribuir e transportar a cocaína são fundamentalmente homens. A maioria deles, homens rudes, desarraigados, capazes de desbravar a selva, criados em contextos onde a morte ou a violência são vias legítimas de resolver conflitos. Homens de duros silêncios e de palavras exaltadas, acostumados a descarregar no jogo, no álcool e nos corpos femininos (ou feminizados) as múltiplas tensões da guerra, da colonização, da vida rural masculina. Ninguém pode entrar nem sair livremente destas regiões²⁰, muito menos mulheres desobedientes que, cheias de táticas demoníacas de sedução, levam embora o dinheiro masculino ganhado com tal esforço²¹.

Pode-se interpretar, como tem se visto em muitos casos, que a “agudización” do conflito armado facilita e promove todas as formas de violência sobre as mulheres, incluindo a exploração sexual²²; porém, seria um erro acreditar que a estabilização relativa no poder, num

²⁰ Em muitos municípios e regiões da Colômbia hoje é um grande risco entrar sem ser conhecido por alguém, sem que alguém assuma a presença do estranho. Soube, por garotos que conheci em vários municípios e por narrativas de assassinatos, que nas zonas cocaleiras, então, isto é muito mais forte. O ingresso a quadros de trabalho se faz quase que exclusivamente, por linhas de parentesco: um tio “raspachín” que convida seu sobrinho e este seu irmão e assim...

²¹ Muitas vezes escutei, tanto de velhos camponeses bêbados nas cantinas de Puerto Berrío, quanto em músicas do repertório popular, narrativas de maldição às mulheres que só queriam o dinheiro masculino, que enganavam o homem trabalhador com o sexo para “se aproveitar” e deixá-los sem nada.

²² Existe uma literatura ampla sobre este tema, por exemplo: Ronit Lentin, ‘Femina sacra: Gendered memory and political violence’, *Women's Studies International Forum* 29 (2006) 463–473.

www.elsevier.com/locate/wsif (Available online 30 August 2006);

Caroline O. N. Moser and Fiona C. Clark (eds), *Victims, perpetrators or actors? Gender, armed conflict and political*, (London: Zed Books, 2001);

Tina Sideris, ‘War, gender and culture: Mozambican women refugees’, *Social Science & Medicine* 56 (2003) 713–724. www.elsevier.com/locate/socscimed ;

Emma Bell with Lata Narayanaswamy, *Gender and Armed Conflict Supporting Resources Collection*, Brighton: Institute of Development Studies, University of Sussex, 2003) <http://www.ids.ac.uk/bridge/>

território específico, de um dos grupos em conflito reduziria a violência e as vulnerações dos direitos das mulheres e da população em geral. Melhor dizendo, seria um erro afirmar que o simples fim da guerra, na sua intensidade atual, significa o fim das formas de violência legitimadas durante sua longa história. A dita estabilização do conflito, que como no caso de Puerto Berrío se compreende, na interpretação do Roberto, como uma “paz concedida por los señores”, está submetida à aceitação e promoção, por todas as formas possíveis, dos “habitus”, valores e “estruturas emocionais” do grupo que a sangue e fogo ganhou o direito de conceder²³. Não é só uma luta pelo controle territorial, é uma *cruzada* pela posse de almas. De este modo, se, como no caso em discussão, o exército que se proclama triunfante é mobilizado por princípios profundamente patriarcais de tradição católica, por emoções autoritárias e homogenizantes que legitimam a morte e a dignidade seletiva (códigos de honra), é este o universo simbólico que se torna dominante no território e nos corpos.

No marco da guerra, os corpos femininos são prêmios, objetos de uso e abuso para os guerreiros (ver nota de rodapé 22). Nessa “pós-guerra” a situação não varia muito, pelo contrário, se faz mais sutil, escondida, se camufla simbolicamente em formas de sociabilidade que só aumenta sua eficácia. Por exemplo, segundo muitas prostitutas da Zona de Tolerância de Puerto Berrío, o dinheiro ganhado é maldito, é um dinheiro que vem sujo e que por isso vá embora tão rápido e de maneiras tão tristes. Em um “mundo da vida”, onde a negociação da realidade se faz sob condições extremamente assimétricas e naturalizadas (Shtuz, 1979: 161-190), o resultado possível só é a reprodução dessa realidade e a fuga (ou punição) dos marginais. Na experiência da honra (dignidade seletiva) desse universo de troca, o corpo de mulheres pobres, promíscuas sem culpa nem “necessidade”, rebeldes ao padrão estético e que não cumprem com a maternidade abnegada (como Mabis) assume, mais do que um valor simbólico baixo, um alto valor negativo. Dinheiro maldito é corpo maldito. Por isso o sólido discurso da “necessidade” ou da “exploração” nas próprias prostitutas para justificar seu ofício se valida a cada dia: é o discurso dos vencidos, da rendição e da expiação.

É, claro, o som que o vencedor quer escutar. A música que o faz vencedor na imaginação compartilhada, que protege às mulheres prostitutas de violências maiores e que elas sabem pronunciar com esperteza enquanto suas bocas beijam e devoram os corpos vencedores.

Um certo tráfico de mulheres se mistura então com a resistência feminina. Um certo tráfico travestido de convite bem remunerado (recrutamento para cumprir uma das funções femininas na guerra), uma estratégia feminina para ganhar lucros econômicos e simbólicos, e combater a pobreza e a violência do cotidiano “extra-guerra”. Uma estratégia de bons

²³ Para saber mais sobre a noção de “habitus”, ver: Pierre Bourdieu, 2004: 78. Para o conceito de “estrutura emocional”: Raymond Williams, 1990.

dividendos, mas cujo preço mais alto não é, como o discurso moralista diria, “a escravidão sexual”, nem uma suposta perda da liberdade, mas o incremento da culpa e do auto-estigma por transgredir os princípios sagrados da feminilidade. A retenção à força, então, é necessária como uma afirmação dos lugares relativos no campo de jogo, como uma materialização explícita do código de honra. E, nesse continuum, o sistema completo de convite-retenção-punição, esta última sob a forma de tortura, violência simbólica e exclusão de direitos individuais, converte-se em estratégia pedagógica para enaltecer e eternizar não tanto o poder masculino, quanto, e principalmente, um complexo modelo de merecimentos existenciais no qual a prostituição não é um trabalho, mas um “destino e uma necessidade” (segundo palavras de muitas mulheres na Zona de Tolerância), e no qual, portanto, o corpo da mulher prostituta é merecedor de múltiplas violências²⁴.

Já disse que o “isto” do qual Mabis queria fugir e que, por enquanto, levou-a pra Venezuela junto com a sua família não é a troca, mais ou menos explícita, de sexo por dinheiro e outros bens simbólicos. Para ela, assim como para muitas outras mulheres colombianas protagonistas da pesquisa, “isto” significa a experiência da (na) prostituição sentida (interpretada, refletida) simultaneamente, e num aparente paradoxo, como a realização e o fracasso dos seus corpos com relação ao “campo de possibilidades” (Shutz, 1979) do seu universo específico. A realização e o fracasso como corpos objetos de maltrato e castigo... porque corpos sujeitos de desobediência e prazer. É a angústia dos corpos indóceis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da prostituição aqui pesquisado existe, de fato, uma constante na força de ação dos sujeitos femininos sobre o cotidiano. Resistência às formas de reprodução da pobreza, por exemplo. Vemos em Mabis uma mulher que põe em marcha estratégias e ações para a consecução de dinheiro, para a satisfação de necessidades básicas e para a obtenção de ganhos simbólicos (proteção contra a violência sexual, poder de sedução, status). Uma mulher que descobre técnicas corporais e retóricas que facilitam o pagamento ou a “colaboração” do homem interessado e lhe brindam possibilidades de divertimento e prazer.

Do mesmo jeito, a prostituição em muitos casos pode significar uma resistência mais ou menos decidida contra os padrões de gênero dominantes. Quer dizer, contra o padrão moral hegemônico no discurso cultural, Mabis (e muitas outras) opôs uma relativa autonomia financeira e corporal, obtendo a legitimação da sua vida já não da companhia submissa a um homem todo-poderoso, mas da ativação de relacionamentos explicitamente utilitaristas com

²⁴ Aqui valeria a pena remeter às reflexões de Weber sobre sistemas de merecimentos, concentradas no conceito de “teodicéia”, e que Bourdieu re-elabora como “sociodicéia”. Ver Weber 1963: 97-153, Weber 1988, Bourdieu 1998 e 2002.

vários homens. Muitas das mulheres da Zona de Tolerância de Puerto Berrío estão ali pra se resistir, opor-se e fugir dos pais abusadores, da violência intrafamiliar, da sua obrigação (e não direito) à maternidade e da monogamia exclusiva²⁵. Só que o lugar que a cultura “porteña” *destinou* para a prostituição, a promiscuidade e outras formas de “desvios” da sexualidade e da identidade femininas significa para muitas o re-encontro dramático com aquilo do que se foge. Essa narrativa cíclica de fugas e re-encontros, alimentada por um universo terrivelmente destrutivo, constitui o “isto” do que se pede ajuda para “sair”.

Faz-se evidente, então, que, enquanto não houver um desmonte sistemático dos “habitus” patriarcais encarnados nas mulheres prostitutas e nos guerreiros e clientes, enquanto não se conseguir uma desconstrução das “estruturas emocionais” da guerra, é impossível pensar na vivência de formas de prostituição, de feminilidade, não submetidas à dor e a punição constante. São essas formas de ser e de sentir o mundo, constituídas e constituintes de códigos de honra culturalmente arraigados que chocam de frente contra toda possibilidade de construção de direitos, individuais ou coletivos, que assumem como princípios, por exemplo, a universalidade da dignidade e da autonomia sexual e corporal.

Trata-se de uma tensão teórica muito forte entre formas de interpretação da realidade. Por um lado, a leitura culturalista (no sentido de Sahlins ou Geertz, por exemplo) cuja preocupação teórica e política é a diversidade das culturas e das formas que essas culturas tomam na vida cotidiana das pessoas. Uma leitura que nosalaria dos direitos humanos como um discurso de intromissão global, que deve ser sempre relativizado à luz das práticas e “esquemas conceituais” (Sahlins 2003) do “saber local” (Geertz, 2004). Nesse caminho, o trabalho do antropólogo está centrado na descrição e posituação das formas de justiça, das noções de pessoa presentes, dos sentidos que a morte ou a violência tem na estrutura e na história de cada cultura e como elas revitalizam essa história. Por outro lado, está uma leitura humanista politizada (na linha de Foucault, Bourdieu, Waquant e, no tema específico dos direitos sexuais, Correa e Petchesky) na qual, sobre essas formas locais, se impõe um saber relativamente universal, positivo, do qual o científico é o interprete (construtor?) privilegiado. Talvez a forma mais explícita e sistemática desta lógica epistemológica é, sustentada por todo seu aparato conceitual, o conceito de “violência simbólica”, de Bourdieu (1999). A partir deste conceito, existiriam formas de dominação que, mesmo aceitas pelos sujeitos como culturalmente válidas e “naturais”, devem ser desvendadas e transformadas em função de uma lógica (superior?) de bem-estar humano.

²⁵ A antropóloga feminista Dolores Julianio indaga e discute de maneira muito completa as formas e significados da prostituição no contexto da Espanha contemporânea: Dolores Julianio, *La Prostitución: el espejo oscuro*. Barcelona: Icara, 2002.

Esse marco de discussão permite-nos uma grande riqueza na compreensão de certos fenômenos sociais. Uma pergunta orienta este artigo: o que significa ser prostituta hoje no marco da guerra interna colombiana? Não é uma pergunta pelo significado em termos semióticos, mas pela experiência vivida das mulheres prostitutas enquanto sujeitos sociais. E não é uma pergunta orientada somente pela curiosidade científica da diversidade, tem muito mais a ver com a compreensão e desvendamento das formas que toma a violência material e simbólica da tradição e do conflito armado na Colômbia. A prostituição, no contexto do conflito armado na Colômbia contemporânea, deve ser compreendida enquanto “sistema cultural” relacionado com a totalidade (pretensão positivista) do complexo local. Assim, ao final da história e mudando de lentes, vemos que é também um “campo” de batalha: um espaço privilegiado para a observação e a reprodução de formas históricas de dominação moral e um lugar que potencializa formas contundentes e inesperadas de rebeldia e de mudança das “estruturas de produção simbólica”.

BIBLIOGRAFIA

- Bourdieu, P. *Outline of a theory of practice*. London: Cambridge University Press, 2004: 78.
- . "Estrategias de reproducción y modos de dominación". *Colección Pedagógica Universitaria* 37-38, enero-junio/julio diciembre, 2002.
- . *La dominación Masculina*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1999.
- . *O poder simbólico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- Bolívar, Gustavo. *Sin Tetas no hay Paraíso*. Bogotá: Quintero editores: Editorial Oveja Negra, 2006.
- Comaroff e Comaroff. "Law and disorder in the postcolony. An introduction". *Law and disorder in the postcolony*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- Damo, Arlei. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre: Tese doutoral PPGAS-UFRGS, 2005.
- Dolores Juliano, *Excluidas y Marginales*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2006.
- . *La Prostitución: el espejo oscuro*. Barcelona: Icara, 2002.
- Gaviria, Víctor. *Sumas y Restas*. Medellín: Latino Cinema Group, 2004. 105min www.victorgaviria.com
- Geertz, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- Lozano, Jairo. 'El harén que los paras tienen secuestrado en el Putumayo', *El Tiempo*, Agosto 5, 2007.
- Machado, Lia Zanotta. "Sexo, Estupro e Purificação". *Série Antropologia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- Martínez, Aída e Rodríguez, Pablo (ed). *Placer, dinero y pecado: historia de la prostitución en Colombia*. Bogotá: Aguilar, 2002.
- Nencel, Lorena. *Mujeres que se prostituyen: género, identidad y pobreza en el Perú*. Lima: editora Flora Tristán, 2000.
- Piscitelli, Adriana. "Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo". *Cadernos Pagu* (19). Campinas, 2002: 195-233.
- Restrepo, Laura. *La Novia Oscura*. Bogotá: Alfaguara, 2007.
- . *Delirio*. Bogotá: Alfaguara, 2004.

Rivera, José Eustaquio. *La Vorágine*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

Sahlins, Marshal. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

-----, 'O pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção', *MANA* 3(1):41-73, 1997.

Shutz, Alfred. "Ação no mundo da vida" e "O mundo das relações sociais". WAGNER, Helmut R. (Org. e Introdução). *Fenomenologia e relações sociais. Textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Weber, Max. 'A política como vocação'. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963: 97-153.

-----, *Ensayos sobre sociología de la religión III*. Madrid: Taurus, 1988.

Williams, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.